

Fatos e Pressuposições

Dr. Rousas John Rushdoony

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto¹

Whitehead, ao comentar sobre o método filosófico, escreveu,

No que concerne à metodologia, o assunto geral da discussão será que a teoria dita o método, e que qualquer método particular é aplicável somente a teorias de uma espécie correlata. Uma conclusão análoga existe para os termos técnicos. Essa relação próxima da teoria ao método surge do fato que a relevância da evidência depende da teoria que está dominando a discussão. Esse fato é a razão pela qual as teorias dominantes são também denominadas “hipóteses em operação”.²

Podemos concordar que “a teoria dita o método” e que “a relevância da evidência depende da teoria que está dominando a discussão.” Isso é outra forma de dizer que as pressuposições determinam ou ditam o que serão os fatos.

Whitehead, a fim de preservar o conhecimento como uma possibilidade, rompe em certo grau com outros filósofos para ver o mundo como um processo experimentado, e não como sensações atomísticas particulares. Nesse processo experimentado, Whitehead procurou conhecer fatos brutos e discernir neles um padrão de resistência no processo, pelo qual algum tipo de conhecimento seria possível. Na verdade, ele ecoou idéias platônicas e tentou localizar no processo e na sua falta de forma algum tipo de forma.³

O problema que confronta todas as filosofias não-cristãs, e todas as filosofias ostensivamente cristãs que pressupõem em certo grau a autonomia do homem e um mundo de factualidade bruta, é muito simples: Como fatos brutos podem ser em algum momento mais que fatos brutos?

¹ E-mail para contato: felipe@monergismo.com. Traduzido em junho/2008.

² Alfred North Whitehead, *Adventures of Ideas* (New York: Mentor Books, 1955), 221.

³ A. W. Levi, *Philosophy and the Modern World*, 495ss.

Para uma fé consistente e bíblicamente governada, todos os fatos da natureza e história são a criação do Deus triúno. Os fatos da natureza e história são totalmente governados pelo Deus que os ordena e cria e que, por Seu decreto eterno e conselho abrangente, fortalece absolutamente todos os seus detalhes. Assim, todos os fatos são fatos dados por Deus. Como Van Til declarou, “tudo o que pode ser conhecido pelo homem já é conhecido por Deus. E já é conhecido por Deus porque é controlado por Deus”.⁴ Portanto, todo conhecimento é de fatos criados e interpretados por Deus.

Isso não é idealismo. O idealismo procura localizar o significado dos fatos dentro da própria criação e pressupõe que os fatos em si mesmos são tanto forma (ou idéia) como matéria. Assim, Cecil De Boer em 1953 acusou Van Til de idealismo, porque este insistia sobre a impossibilidade do conhecimento se um filósofo for consistente com suas pressuposições dos fatos brutos. De acordo com De Boer,

A nova apologética mantém que o incrédulo, ao rejeitar a revelação sobrenatural, rejeita a “primeira Premissa” de todo verdadeiro raciocínio e não pode, portanto, esperar chegar a uma conclusão verdadeira. Ele pode ser tão lógico quanto desejar em sua argumentação, mas visto estar simplesmente fora da realidade, seu raciocínio pode ser apenas pura ilusão. Portanto, não pode ser dito que ele “conhece algo verdadeiramente.” Resumindo, a menos que eu “conheça Deus verdadeiramente”, não posso conhecer algo verdadeiramente.⁵

De qualquer forma, é evidentemente inútil argumentar que, porque um homem não aceita a religião cristã, ele não pode distinguir *realmente* (i.e., fundamentalmente, metafisicamente) um ovo de um pepino. Esse tipo de coisa não leva uma pessoa a lugar algum, e não existe nenhum uso aqui na Terra para ela exceto, possivelmente, como um exercício de universitário em fazer distinções puramente nominais e acadêmicas.⁶

As acusações de De Boer são obviamente ridículas: um criacionismo consistente é a antítese do idealismo. Além do mais, De Boer reconhece claramente que Van Til está certo, que um homem que não raciocina sobre fundamentos estritamente cristãos não pode conhecer nada, se confinar-se às

⁴ Cornelius Van Til, *The Defense of the Faith*, 116.

⁵ Cecil De Boer, “The New Apologetics,” em *The Calvin Forum XIX*, 1-2 (August-September, 1953), 4.

⁶ *Ibid.*, 6.

suas premissas. Esse é um ponto de importância inestimável. Chamá-la simplesmente de “um exercício de universitário em fazer distinções puramente nominais e acadêmicas” é uma declaração impressionante e um belo exemplo de engolição de camelos (Mt. 23:24). A história da filosofia moderna testemunha o fato que, sobre a premissa da autonomia do homem num mundo de factualidade bruta, o conhecimento se torna um problema crítico e, de fato, impossível. Filosofia não é um jogo, nem um exercício de universitários; quando a filosofia, ao desenvolver as implicações de suas premissas, é incapaz de justificar a realidade da nossa experiência diária e conhecimento comum, temos todo o direito de questionar a validade daquelas premissas.

Quando rejeitamos o Deus da Escritura e apresentamos um universo de factualidade bruta, criamos para nós mesmos alguns problemas muito sérios. A idéia da factualidade bruta elimina o Deus Criador da Escritura, mas deixa-nos com talvez um número infinito de fatos brutos, totalmente irracionais e impérvios à razão, não tendo nenhum padrão ou significado pré-estabelecido e sendo, assim, fatos essencialmente isolados e autônomos. Como um existencialista, o homem autônomo pode negar que ele tenha alguma essência, qualquer natureza e determinação dada por Deus; ele pode insistir que ele tem existência e deve fazer ou definir sua própria essência. Então, contudo, todos os outros homens e todos os outros fatos no universo estão no mesmo status: eles não têm nenhuma essência, nenhum padrão estabelecido, nenhum significado e, portanto, nenhuma definição. Em tal situação, nada pode ser conhecido se um homem for fiel às suas pressuposições.

A posição cristã consistente deve ser uma demanda que os homens sejam consistentes ao seu ponto de partida básico, sua pressuposição. Seus princípios metafísicos e epistemológicos específicos exigirão, se sistematicamente seguidos, que o incrédulo admita o seu impasse. O ponto da apologética negativa de Van Til é pressionar um incrédulo ao reconhecimento de suas premissas e a incapacidade delas fornecer-lhe qualquer conhecimento válido. O cristão deve desafiar especialmente a idéia de neutralidade. “A despeito dessa alegação à neutralidade por parte do não-cristão, o apologeta

Reformado deve apontar que *todo* método, o supostamente neutro não menos que qualquer outro, pressupõe a verdade ou a falsidade do teísmo cristão.”⁷

Os fatos são o que nossas pressuposições assumem eles ser. Se nossa pressuposição for consistentemente cristã, os fatos que confrontamos são criados por Deus e governados, como nós mesmos, por Seu conselho predestinador. Se nossas pressuposições são fundamentadas sobre o homem autônomo num mundo de factualidade bruta, então o ponto de referência em todo pensamento é essa factualidade bruta onipresente. É a nossa pressuposição que torna os fatos inteligíveis e determina o que é um fato. Antes de abordarmos um “fato”, nossa pressuposição já determinou o que constitui um “fato”, de forma que quando perguntamos, o que é um “fato”?, podemos responder a questão apenas olhando para nossa pressuposição. Como Van Til apontou, com referência a essa questão,

A resposta a essa questão não pode ser finalmente resolvida por alguma discussão direta dos “fatos”. Ela deve, em última análise, ser resolvida indiretamente. O apologeta cristão deve se colocar na posição do seu oponente, assumindo a exatidão da posição dele meramente por causa do argumento, a fim de mostrá-lo que sobre tal posição os “fatos” não são fatos e as “leis” não são leis. Ele deve pedir também ao não-cristão que se coloque na posição do cristão por causa do argumento, a fim de que ele possa ver que somente sobre tal base os “fatos” e “leis” parecem inteligíveis.

Admitir as próprias pressuposições e apontar as pressuposições dos outros é, portanto, manter que todo raciocínio é, na natureza do caso, *raciocínio circular*. O ponto de partida, o método, e a conclusão estão sempre envolvidos um no outro.⁸

O incrédulo tem conhecimento válido porque ele não pensa consistentemente em termos de suas premissas. Ele assume uma uniformidade e ordem na natureza; ele prossegue sobre a pressuposição que a realidade não é uma irracionalidade total, mas tem de fato um padrão que é racional e compreensível. Como resultado, ele adquire conhecimento assumindo que o mundo é o que Deus fê-lo ser, embora ao mesmo tempo negando Deus e a criação. Como Van Til observa, alguns objetam, dizendo, “você pretende afirmar que os não-cristãos não descobrem a verdade pelos métodos que

⁷ Cornelius Van Til, *The Defense of the Faith*, 117; 1967 ed., 100.

⁸ *Ibid.*, 117s; 1967 ed., 100s.

empregam?” A resposta é, como Van Til apontou, “nada tão absurdo como isso. A implicação do método aqui advogado é simplesmente que os não-cristãos nunca são capazes e, portanto, nunca empregam seus próprios métodos consistentemente.”⁹ O cristão não tenta provar que Deus existe, mas demonstrar que, à parte da pressuposição de Deus, nenhuma prova é possível. O ponto de partida do pensamento não deveria ser o homem, como em Descartes e na filosofia moderna (*cogito ergo sum*), mas Deus.

Sem a pressuposição de Deus, não existe nenhum fundamento para distinguir entre um particular e outro, pois não haveria nenhuma premissa além do homem autônomo e a factualidade bruta para estabelecer um princípio de diferenciação e um padrão de significado. Van Til ilustrou esse fato com muita habilidade:

Contra essa posição teísta cristã, qualquer filosofia não-cristã na prática nega a unidade da verdade. Ela pode falar muito dela e mesmo parecer defendê-la, como fazem os filósofos idealistas, mas em última análise a filosofia não-cristã é atomística. Isso segue da separação absoluta entre verdade e realidade que foi introduzida quando Adão e Eva se apartaram de Deus. Quando Satanás tentou Eva pra comer do fruto proibido, ele tentou persuadi-la que o anúncio de Deus das conseqüências de tal ato não se realizaria. Isso era equivalente a dizer que nenhuma afirmação em termos de um esquema racional poderia prever o curso do movimento da realidade controlada pelo tempo. A realidade, como Satanás apresentou na prática ao homem, deveria ser concebida como algo que não está sob o controle racional. Toda filosofia não-cristã faz a suposição feita por Adão e Eva e é, portanto, irracionalista. Esse irracionalismo chega à expressão mais consistente em várias formas de empirismo e pragmatismo. Nelas a predicação é francamente concebida em termos atomísticos.¹⁰

Assim, quando o homem faz da sua razão um juiz autônomo sobre todas as coisas, ele também remove a racionalidade do universo visto ele não ser mais a obra das mãos de Deus e, portanto, aberto à razão porque a racionalidade absoluta de Deus criou tal universo e o governa. O homem então vê a si mesmo como pura razão e o universo como pura factualidade bruta, factualidade irracional. O problema então de Kant a Whitehead é

⁹ *Ibid.*, 120; 1967 ed., 103.

¹⁰ *Ibid.*, 135; 1967 ed., 118.

afirmar e estabelecer algum tipo de correlatividade válida entre lógica e fato, entre a mente do homem e um oceano de factualidade sem significado.

O refúgio de muitos pensadores, Lenin incluso, tem sido confessar o dilema epistemológico e se refugiar num “realismo ingênuo”. Lenin escreveu, em *Materialism and Empirico-Criticism: Critical Notes Concerning a Reactionary Philosophy*.

O “realismo ingênuo” de qualquer pessoa saudável, que não é um internado de um asilo para doidos ou na escola dos filósofos idealistas consiste nisso, que ele crê que a realidade, o ambiente e as coisas nele, existem independentemente de sua percepção – independentemente de sua concepção de si mesmo em particular, e do seu próximo em geral... Nossa sensação, nossa consciência é somente uma representação do mundo externo. Mas é óbvio que embora uma representação não possa existir sem alguém para quem ela é uma representação, a coisa representada existe independentemente daquele para quem ela é uma representação. A crença “ingênuo” da humanidade é conscientemente tomada pelo materialismo como a base de sua teoria de conhecimento.¹¹

Exceto por alguns idealistas e cientistas cristãos, Lenin não tem ninguém para discordar dele. O que ele está dizendo sobre “realismo ingênuo” é que o mundo que nós percebemos é assumido como sendo um mundo real. Com isso concordaríamos prontamente, pois a questão real é que o “realismo ingênuo” é na verdade um ato de fé. Ao invés de aceitar o Deus da Escritura, Lenin escolhe aceitar um mundo cuja existência, em termos de sua epistemologia, ele não poderia provar. A esse mundo ele atribuiu os atributos de Deus, incluindo um decreto eterno, ou predestinação, chamando-o em vez disso o determinismo do materialismo dialético.

Lenin atribuiu todos os atributos da mente de Deus ao materialismo e então encontrou manifesto num processo histórico do qual ele era a voz! Quando começamos com Deus como o Criador e Governador de todas as coisas, podemos justificar clara e racionalmente o mundo do “realismo ingênuo”. Sem esse Deus, começamos e terminamos numa fé contraditória e em milagre empilhado sobre milagre, numa tentativa vã de justificar uma realidade conhecida pelo idiota do povo. Como Van Til observa,

¹¹ Lenin, *Materialism*, 417; citado em Levi, *Philosophy and the Modern World*, 216.

... é impossível raciocinar sobre a base de fatos brutos. Todo o mundo que raciocina sobre fatos chega a esses fatos com um esquema no qual ele encaixa os fatos. A questão real é, portanto, em qual esquema os fatos se encaixarão. Como entre o Cristianismo e seus oponentes, a questão é se nossa alegação que o Cristianismo é o único esquema no qual os fatos se encaixarão é verdadeira ou não. O Cristianismo alega que, a menos que pressuponhamos a existência de Deus, em quem, como o Todo-suficiente, esquema e fato, fato e razão à parte de e antes da existência do mundo, são limítrofes, enfrentamos o “fato bruto.”¹²

Para o pensador cristão consistente, porque Deus é o criador de todas as coisas e seu governador em termos de Seu eterno decreto, não existem fatos brutos para Deus. Com respeito a Sua própria pessoa, Deus é totalmente auto-consciente, e potencialidade e realidade são uma única coisa nEle; não há nenhuma inconsciência em Deus nem qualquer possibilidade oculta e não desenvolvida. Com respeito à criação, “a interpretação de Deus precede logicamente a denotação e a conotação de todos os fatos dos quais ela consiste.”¹³ Ao invés de começar com fatos brutos, começamos com o Deus que cria todos os fatos, e todos os fatos têm sentido e estão abertos à razão. A posição cristã torna a ciência possível, pois estabelece a validade de um padrão total em toda factualidade. A única explicação verdadeira de todo fato está em Deus e, portanto, agir sobre premissas roubadas, assumindo um padrão enquanto falha em reconhecer o padrão ou sua fonte, é algo inconsistente. A auto-existência necessária de Deus deve ser nosso ponto de partida. “Assim, as várias hipóteses que hão de ser relevantes para a explicação do fenômeno deve ser consistente com essa pressuposição fundamental. *Deus é a pressuposição da relevância de qualquer hipótese.*”¹⁴

Citemos novamente Van Til, cuja obra nessa área coloca todos os pensadores cristãos em débito para com ele:

É importante que vejamos o ponto exato em questão aqui. A posição cristã certamente não se opõe à experimentação e observação. Como cristãos podemos criar várias hipóteses na explicação de certo fenômeno. Mas essas várias hipóteses sempre estarão, até onde podemos dizer, de acordo com a pressuposição de Deus como a

¹² Cornelius Van Til, *Christian Theistic Evidences* (Philadelphia: Westminster Theological Seminary, 1947), 39; 1961 ed., 40.

¹³ *Ibid.* 56; 1961 ed., 55.

¹⁴ *Ibid.* 63; 1961 ed., 61.

explicação última de todas as coisas. Nossa hipótese sempre estará *subordinada* à noção de Deus como o intérprete completo de todos os fatos, e se fizermos nossas hipóteses sobre fatos estarem subordinadas a esse Deus, segue-se que não existem fatos brutos para os quais possamos apelar em corroboração das nossas hipóteses. *Apelamos a fatos, mas nunca a fatos brutos. Apelamos a fatos interpretados por Deus.* E isso é simplesmente outra forma de dizer que tentamos descobrir se nossa hipótese está *realmente* de acordo com a interpretação dos fatos por Deus. O teste fundamental para a relevância da nossa hipótese é, portanto, sua correspondência com a interpretação dos fatos por Deus. A verdadeira interpretação humana é implicação na interpretação de Deus.

Em contraste a isso, o método científico ordinário procura determinar a relevância da hipótese apelando a fatos brutos. Uma chance última é assumida como a matriz de fatos. Então a reunião aleatória de fatos é tomada como a tendência racional entre esses fatos brutos. E a relevância de uma hipótese é determinada por sua correspondência a essa “tendência racional” nas coisas. Assim o círculo é completo. Começamos com fatos brutos e terminados com fatos brutos. Pressupomos a chance como Deus e, portanto, conduímos que o Deus do Cristianismo não pode existir.

É impossível exagerar a importância para os cristãos de ver a diferença entre sua posição e o método científico atual sobre os três pontos que temos agora considerado. Um cristão não pode permitir a legitimidade do ideal da abrangência completa. Que esse ideal torna-se um conceito limitador, e não constitutivo, não melhora a questão, mas, se possível, torna-a pior. Ela implica claramente que Deus como criador e constitutivo da realidade e da verdadeira interpretação humana é, desde o princípio, excluído. Ela significa a elevação da chance ao lugar de Deus. Em segundo lugar, os cristãos não podem permitir consistentemente a relevância teórica de todo tipo de hipótese. Isso também implica uma elevação da chance ao lugar de Deus. Em terceiro lugar, os cristãos não podem permitir o apelo aos fatos brutos como um teste da relevância da hipótese. Uma vez mais isso implica a elevação da chance à posição de Deus.¹⁵

A ciência moderna está construída sobre capital roubado. Ela começou com os pensadores Puritanos e Reformados que tornaram o tremendo

¹⁵ *Ibid.* 64; 1961 ed., 62ss.

crescimento da ciência possível por sua suposição do conselho eterno e predestinador de Deus fundamentando toda a realidade. Essa fé é negada na teoria pela ciência moderna e assumida na prática. Para o cristão, o universo manifesta propósito porque Deus o criou e tem um propósito para o universo. “Segue-se também que todo fato dentro do universo tem um propósito ou função para cumprir. Mesmo aquilo que pensamos como sendo mecânico tem um propósito. As leis mecânicas são, desde o ponto de vista fundamental, completamente teleológicas.”¹⁶

Ao invés de um universo (ou multiverso) de facticidade bruta, no qual não existe nenhum fundamento válido para assumir qualquer relação entre um fato e outro fato, o pensador cristão que é consistente com a pressuposição do Deus Criador da Escritura tem um universo de fatos inter-relatados cujo princípio de interpretação está no Deus soberano e triúno. Assumir que um oceano de fatos brutos pode nos dar algo mais que fatos brutos é crer, para citar a deleitosa ilustração de Van Til, que “as somas de zeros produzir algo mais que zero.”¹⁷ Mas não existem fatos brutos. Eles não existem, exceto na imaginação do homem caído. Existem apenas fatos criados por Deus, e toda facticidade, para ser lógica e racionalmente conhecida e servir à investigação científica, requer a pressuposição do Deus da Escritura.

Fonte: *The Word of Flux: Modern Man and the Problem of Knowledge*, Rousas John Rushdoony, Ross House Books, p. 25-34.

¹⁶ *Ibid.* 104; 1961 ed., 99.

¹⁷ *Ibid.* 76; 1961 ed., 73.